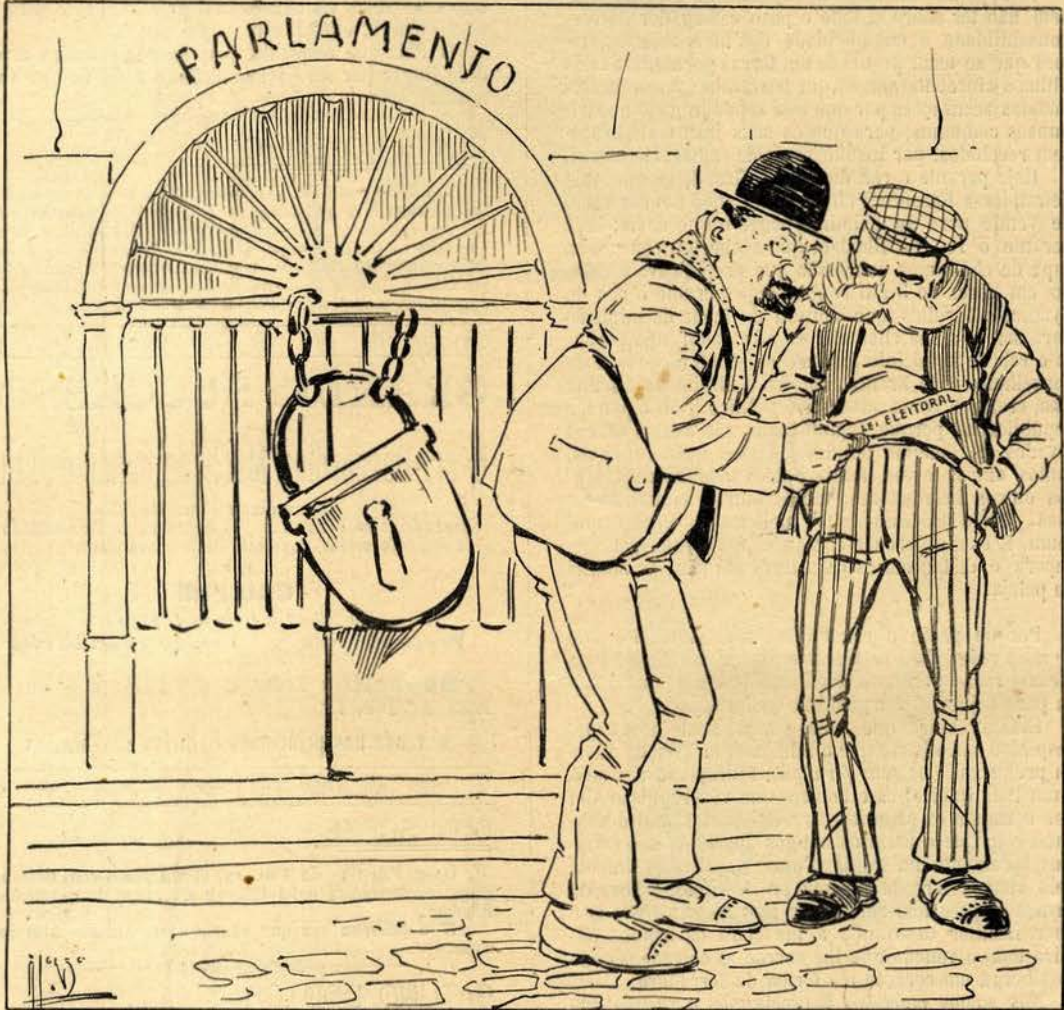




LISBOA, 9 de Julho de 1914

O PACTO



Combinando o arrombamento

O RÉU

O reu Affonso Costa não tem cathogoria moral para insultar. Isto é materia assente que não admite já discussão.

Não trataremos portanto do caso pelo que elle vale em si, mas sim pela inteneção do facto. E' claro que o reu d'Ambaca, quando pediu o *gato de nove rabos para os mariolas dos monarchicos*, pensou que ia ultrajar-nos. E pensando assim, ficou contentissimo, como o burro que desfecha uma parelha de coices para alivio intimo da sua inconsciencia. Mas o reu do Opio *desfechou e não attingiu*, porque não molesta, quem quer. Até para ferir é necessario ter o character em certas condições de limpeza.

Ora o reu das Binubas é, nem mais nem menos do que um processado da Boa-Hora em varios autos de burla e traficancias correlativas, que anda á solta, devido apenas á anormalidade da situação.

Elle podia até não ser republicano e podia tambem não ter sobre si todo o pezo esmagador da responsabilidade e cumplicidade dos mais abjectos crimes que se teem praticado em terras portuguezas nos ultimos cincoenta annos, que bastavam apenas as tremendas accusações por que está sendo julgado nos tribunaes communs, para que os seus insultos não fossem recebidos, por insufficiencia de cathogoria moral.

Hoje perante o reu do Predio Grandella que quiz defraudar a Fazenda Publica, simulando um contracto de venda para se eximir a pagar o que devia; hoje perante o reu do Rhodam que acobertou com a sua capa de chefe uma concessão que prejudicava o Estado em cerca de 3 mil contos; hoje perante o reu do Syndicato Juridico que abusou do logar de ministro para servir a sua clientella de advogado; hoje perante o reu de homicidio frustrado em 1908 na pessoa do conselheiro João Franco, não ha o direito de discutir essa creatura como adversario politico. Não é por ser republicano, porque republicanos são tantos outros evadados de defeitos politicos, tantos outros ineptos, tantos outros maus, tantos outros insufficientes, tantos outros insultadores, tantos outros sanguinarios; mas... não processados por delictos de direito commum. E' esta differença é grande, é enorme, por que separa e distancia os caracteres até para as honras da peleja.

Porque pediu o reu do Banco da Covilhã o *gato de nove rabos para os mariolas dos monarchicos*? Pela mesma razão porque o criminoso deseja sempre a forca para o juiz. E é logico que assim seja.

Essa creatura que sabe, porque sente no ar que respira e nos olhares que o fulminam atravez da guarda pretoriana dos seus *formigas*, o desprezo e o odio d'um Paiz inteiro; esse homem que vê a repulsão com que o tratam os proprios correligionarios, e o desengano com que o fitam os antigos apostolós dos comicios, pressente no rugir d'uma Nação espesinhada pela chanca ferrada do seu pé de villão, a hora da Justiça approximar-se. E por isso treme; e por isso quer insultar desovando á luz clara da tribuna publica todo o veneno que lhe corroe as entranhas onde se alberga um coração em fôrma de ferradura.

Nós somos *mariolas*! E precisamos o *castigo corporal do gato de nove rabos*! E elle? E elle o que precisa?

Sim, o que precisa elle (como cumplice directo ou

connivente)—elle o reu d'Ambaca? O que precisa elle—o reu do Opio? O que precisa elle—o reu das Binubas? O que precisa elle—o reu de S. Thomé? O que precisa elle—o reu do Banco da Covilhã? O que precisa elle—o reu do Rhodam? O que precisa elle—o reu da Panasqueira?—O que precisa elle—o reu, grão mestre da *formiga branca*? O que precisa elle—o reu dos tribunaes marciaes? O que precisa elle—o reu da confiscção dos bens dos monarchicos exilados? O que precisa elle—o reu, chefe dos que assassina-ram o tenente Soares, o sargento da rua Victor Gordon, o Torcato d'Alcabideche, o major Corrêa da Covilhã? O que precisa elle—o reu dos supplicios da Penitenciaria e do Limoeiro? O que precisa elle—o reu da lei da Separação? O que precisa elle—o reu da liberdade de imprensa? O que precisa elle—o reu dos assaltos aos jornaes? O que precisa elle—o reu dos espancamentos nas ruas? O que precisa elle—o reu do 21 d'outubro? O que precisa elle—o reu do anallamento da propria Constituição?

Sim, nós os *mariolas dos monarchicos*, que ha perto de quatro annos temos soffrido, desde os maiores ultrajes ás mais vis aggressões, precisamos do *gato de nove rabos*. E elle? E elle o que precisa?

O Paiz que responde, pois só a sua Justiça o poderá julgar por ser já insufficiente a do Codigo Criminal.

EL-REI NO EXILIO

Conforme prometemos no nosso ultimo numero, começamos hoje publicando as photographias do Palacio de Suas Magestades em Inglaterra. Estas photographias todas ineditas foram offerecidas a O Thalassa por ordem d'El-Rei, e constituem uma interessantissima collecção com diversos aspectos das salas e jardins do Palacio Real. No presente numero inserimos já as duas primeiras da linda collecção que temos em nosso poder.

GRANDE SUCESSO!

O sr. Bernardino Machado nunca existiu!

Bernardino na Historia
Bernardino na Politica Bernardino na Cordealidade
Formação impessoal do Bernardinismo
POR

CRISPIM

Um folheto de cerca de 40 paginas

Preço 100 réis

Pelo correio 120 réis

Deposito: Redacção d'O Thalassa, — Rua da Rosa, n.º 162, 1.º

A' venda nas principaes livrarias e tabacarias

COM SORTE

O sr. Faustino da Fonseca, clown senatorial, deixou o grupo evolucionista e foi filiar-se no grupo democratico do Rhodam.

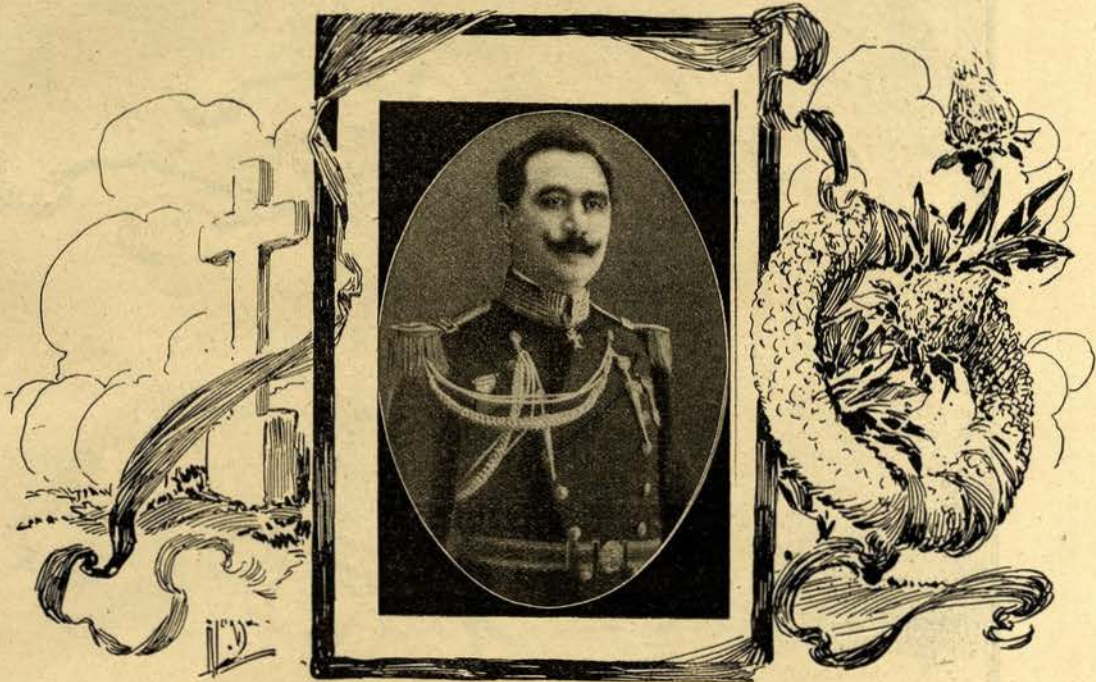
E' a primeira vez que vemos o sr. Antonio José com sorte.

GATUNO DOUTOR

Não se trata do homem, mas sim do titulo d'uma fita animatographica que vae agora n'um animatographo d'Avenida. Não ha duvida que tem actualidade.

A' memoria do tenente Manuel Alberto Soares

(Assassinado em Lisboa a 9 de julho de 1912)



Faz hoje 2 annos que um bando de assassinos o prostrou covardissimamente, varando-lhe o craneo com uma bala, n'uma das principaes ruas de Lisboa. Nunca mais se descobriu o criminoso; estão ainda impunes o vendido que o matou e os instigadores que lhe armaram o braço homicida. Mas a memoria do brioso militar, a recordação saudosa do seu nome, permanecem gravadas na consciencia do povo portuguez, como lemma modelar de martyrio e de abnegação, como symbolo patriotico de sacrificio, a attestarem immorredoiamente a honradez do seu caracter sem mancha e a formidavel condemnação dos sicarios que o assassinaram em holocausto ao sectarismo republicano. *O Thalassa* curva-se respeitoso ante o tumulo do valoroso official, honra da sua Patria e martyr da causa nacional: a *Monarchia*.

MANHÃ DE NEVE

Recebemos e muito agradecemos este brilhante trabalho da ex.^{ma} sr.^a D. Cacilda Pinto Coelho de Castro, a que no proximo numero nos referiremos com a devida homenagem á talentosa escriptora.

RAINHA AUGUSTA VICTORIA

Retratos e postaes

Está quasi exgotada a edição do retrato de Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria trajando á moda do Minho.

O acolhimento que teve a iniciativa d'*O Thalassa* e ainda as repetidas instancias que nos teem sido feitas n'este sentido, levaram-nos a reproduzir em postaes o retrato da Augusta Soberana, trabalho este que está já concluido e que puzemos á venda por preço ao alcance de todos.

Cada postal, lindamente impresso a 3 côres, custa apenas **40 réis**. Paquetes de 25 postaes para propaganda, **800 réis**. Os retratos-chromos de Sua Magestade continuam á venda pelo preço de **60 réis**.

Satisfazem-se na volta do correio todos os pedidos, que podem desde já ser feitos á Administração d'*O Thalassa*, rua da Rosa, 162, 1.^o D.—Para a provincia acresce o porte do correio.

A MORTE DO MAU LADRÃO

A falta de espaço não nos permite fazer n'este numero referencia digna a este primoroso trabalho do grande poeta Gomes Leal, que acabamos de ler. Fal-o-hemos no proximo numero.

«TRIO MARTINEZ»



Noveis artistas que tomaram parte na recente festa do «Centro Hespanhol» onde conquistaram merecido triumpho.

Usem a Agua do Mouchão da Povoá

No tratamento das doenças de pelle.

Com o gato de nove rabos

A justiça de Fafe não serve para castigar esses mariolas. Os ingleses bem fazem em applicar o castigo corporal! O que os monarchicos querem é o «gato de nove rabos».

(Palavras do reu Affonso Costa no parlamento).



I. Galvão

Resposta de O THALASSA



1.—**Arthur Barreiros.**— Distincto pharmaceutico em Arcos de Val de Vez. De regresso de Hespanha, onde se exilara, foi preso ainda doente, a 4 d'outubro de 1911, estando durante 13 dias sob rigorosa incommunicabilidade. Esteve detido no forte do Alto Duque desde 1 de Novembro de 1911 até 13 de Janeiro do anno seguinte. Preso novamente em Julho d'esse anno, foi mais tarde posto em liberdade com a obrigação de se apresentar todas as noites ao toque de recolher.

2.—**Julio Cesar Eugenio.**— Natural do Porto. Accusado de estar envolvido nos movimentos de 29 de Setembro de 1911 e 21 de Outubro de 1913. Preso pela primeira vez em Outubro de 1911, foi mettido no aljube, d'onde sahiu em Dezembro. Novamente preso, esteve no Paço Episcopal do Porto até ao dia 23 de Dezembro de 1913.

3.—**Guilherme Ribeiro Guerra.**— Conceituado commerciante em Agueda. Preso em Outubro de 1911 por ter dado vivas a Sua Magestade El-Rei e ser amigo dedicado do sr. Conde de Agueda. Transferido de Agueda para a cadeia de Aveiro sob custodia de carbonarios que sobre insultarem-no o maltrataram, e de Aveiro para Lisboa onde a população o espancou brutalmente a ponto de o deixarem completamente ensanguentado. Esteve 21 dias incommunicavel e foi restituído a liberdade depois de 138 dias de prisão.

4.—**Antonio Pereira Samina.**— Ex-soldado da guarda republicana de Lisboa. Preso em 5 de agosto de 1912 por suspeitas de connivencia no chamado *complot* do quartel dos Loyos. Esteve detido na Trafaria e na Penitenciaría, condemnado a 4 annos de prisão cellular e 8 de degredo. Amnistiado em 1914 depois de 2 annos de prisão.

Quadros da minha terra

(4.º QUADRO)

A visita de cerimonia

II

(Conclusão)

A sala do general era um museu quadrado onde se accumulavam o mau gosto e o pó. Encostado à parede mais larga, destacava-se um grande sophá de molas aviadas, ladeado simetricamente por dois fauteuils, e tudo devidamente enroupado em coberturas de linho escuro. No meio da casa uma mesa ampla de pé de gallo, coberta por um caprichoso panno de quadradinhos de setim, ligados a lãs multicores. A' direita o piano; á esquerda uma estante de casquinha com um vidro partido. E dispersas com severo alinhamento diversas cadeiras de estofo bordado a matiz onde os passaros de olhar morto e as flores bexigas bordadas a filoselle se alternavam, attestando as mãos habilidosas da Nini, e o proveito das cinco duzias de lições da D. Carolina dos bordados, da rua de S. Bento.

Um tapete ruço cobria a sala que o sol vinha manchar por uma janella estreita do varandim, emoldurada nas rendas dos cortinados gommados, onde as moscas faziam o seu W. C. predilecto. Na parede principal, por cima do sophá, o retrato a crayon, do general, com o nome traçado em grossa e bella calligraphia, para identificar a desconhecida obra do artista; e sobresahindo com toda a pujança do seu viço, na parede fronteira um irrigador transformado em vaso de avenca.

Ao fim de dez minutos appareceram as do general muito espremidas e bezuntadas de pó d'arroz, com o Alfredoinho á frente. As Menezes levantaram-se cerimoniaosas, requebrando-se.

—Desculpem, desculpem esta demora, mas, não sabiamos quem era. Ai, minhas senhoras, isto de creadas, está cada vez peor. Então sr. Menezes, tenha a bondade de se sentar? E Vocencia, sr.ª D. Angelina, aqui no sophá, por quem é...

—Nós não queriamos incommodar, mas tinhamos tanto gosto de as encontrar em casa, que viemos a esta hora de proposito. Era já uma vergonha a nossa falta...

—Oh! sr. Menezes, nós não medimos visitas. Tambem quasi sempre estemos em falta.

—Olhem—juntou a Nini—com a Viscondessa do Benjoim, por exemplo, é mesmo uma vergonha. A Viscondessa, coitada, tem aqui vindo uma porção de vezes e nós ainda lá não fomos.

—E o sr. general está bem?—interrogou com fingido interesse a Menezes mais nova.

—Vae indo. Elle já ahi vem. Está a tomar o seu banho turco.

A Menezes mais velha piscou o olho á mana e chegou-se mais na borda da cadeira, fazendo esforços inauditos para desviar das garras do Alfredoinho, o passaro do chapéu.

—Então menino—reprimendo a mãe, não esteja a incommodar essa senhora.

—O Alfredoinho é que está muito crescido—sentenciou o sr. Menezes.

O menino para mostrar bem o desenvolvimento do corpo, espojou-se no chão, fazendo de gato.

—Miau! miau! fúf... fúf...—e foi beliscar a canella da Menezes mais nova.

—Alfredoinho então!? Que maneiras são essas?

—Deixe, deixe o menino coitadinho,—interveiu o sr. Menezes com bondade trocista. O que elle quer é brincar. Está na idade...

—Quantos annos tem elle?

—Quatorze menos trez mezes e dois dias.

—Aposto que já anda no lyceu?

A mamã sorriu, desculpendo:

—Ainda não. Vae agora fazer a instrucção primaria. E' fraquito, mas muito intelligente—concluiu em voz baixa para não fazer vaidoso o menino.

Sentiu-se a campainha da porta, e minutos depois, a creada muito arremangada e com o avental de riscado cheio de nodos, abriu a porta da sala, illucidando:

—E é o cravoeiro, minha senhora, e preciso do pitrolio...

A Nini fez-se muito vermelha, e a esposa do general pediu licença ás visitas para ir lá dentro, dar ordens. Converteu-se então sobre varias coisas, começando pelo thema do calor.

—Vamos ter um verão quentissimo.

—E' uma maçada para quem súa dos pés como eu—obtemperou o sr. Menezes.

—Vae para o campo?

—Ainda não sabemos. O papá tinha vontade de nos levar á Suissa, mas provavelmente vamos para Caxias.

O Alfredoinho, que tinha sahido atraz da mãe, voltou, correndo muito, cavallitando n'uma bengalla, e annunciou:

—Vem ahi o papá!

O sr. general pediu desculpa de não ter apparecido logo, as Menezes quincharam muito «ora essa!» «ora essa!» e com protocollar cerimonia offereceram-se logares e trocaram-se cadeiras.

—Ahi não, sr. Menezes—gritou a esposa do general, vendo o pae das meninas ir sentar-se sobre o setim florido d'uma cadeira dourada.—Tem o pé partido. Já mandei umas poucas de vezes recado ao estofador, mas elle ainda não se dignou apparecer...

Olharam-se todos e fez-se silencio.

—Pois tenho o maior prazer em vér Voscellencias n'esta sua casa—disse o general para estabelecer conversa.

—O prazer é todo nosso. Ainda hontem eu tinha dito á mana: Deus queira que encontremos amanhã a Nini em casa.

—Ai! nós tambem tinhamos um grande ferro se tivessemos sahido. Já outro dia quando cá esteve a Viscondessa...

—E' verdade! E' verdade! Não estavamos em casa quando cá esteve a Viscondessa. Tivemos um ferro...

Sentiu-se um estrondo, e a Menezes mais velha deu um gritinho. Era o Alfredoinho que estava a equilibrar um buzio sobre uma jarra, tendo atirado com tudo ao chão.

O general roncou forte «ameaçando um puxão d'orelhas com licença do sr. Menezes» e a mãe interveiu sollicita abrindo muito os olhos ao marido «para que não fizesse vergonhas».

—Então? aconteceu... Não chores, Alfredoinho, que é uma vergonha deante d'esta senhoras.

As Menezes, perguntaram as horas.

—Então já?

—Foi uma visita de medico...

—Ai não digam isso! O tempo é que passa a correr quando se está em tão boas companhias—sentenciou a Menezes mais nova.

—E agora, sempre queremos vér quando é que a sr.ª D. Nini e Voscellencias, nos dão a honra d'um bocadinho. Mas com muita intimidade, sim?

—Pois sim. Hade ser muito breve. E' tão agradável conviver com pessoas que se estimam, não é verdade?

E as Menezes e as do general beijaram-se muito nas faces, levantando-se, porque ainda tinham que ir a outras visitas.

—Mas a do Voscellencias foi a primeira, para termos o gosto de as encontrar.

A mulher do general berrou com affectação:

—O' Gertrudes, venha abrir a porta.

A Gertrudes veiu chinelando pelo corredor, e n'esta occasião sentiu-se de novo a campainha da rua.

—Quem será?

—Querem vér que é a Viscondessa!?—tornou a Nini com solemnidade, cheia d'orgulho.—O bater é d'ella.

O general correu a abrir. Era a visinha do terceiro andar, em matinée com grandes laçarotes encarnados e chinellos de trança, «que vinha passar um bocadinho a tarde». E explicou:

—Como o meu *Arnesto* foi agora p'ró talho, vim até cá...

As do general córaram, as Menezes olharam desdenhosas, e o Alfredoinho, encarrapitado no corrimão, cantou a *Portuguezia*.

E quando ao virar da esquina se voltaram muito sorridentes para dizer adeus á Nini, murmuraram enjoadas: *Safal! Estão cada vez mais ordinarias*; ao que as do general lá do alto do varandim, correspondiam inclinando com muito affecto a cabeça e rosnando por entre dentes: «Que nojentas que estão estas Menezes! Parece que são alguém, as fuflas... Ora não ha!»

A seguir, 5.º quadro:

Os annos da Néné

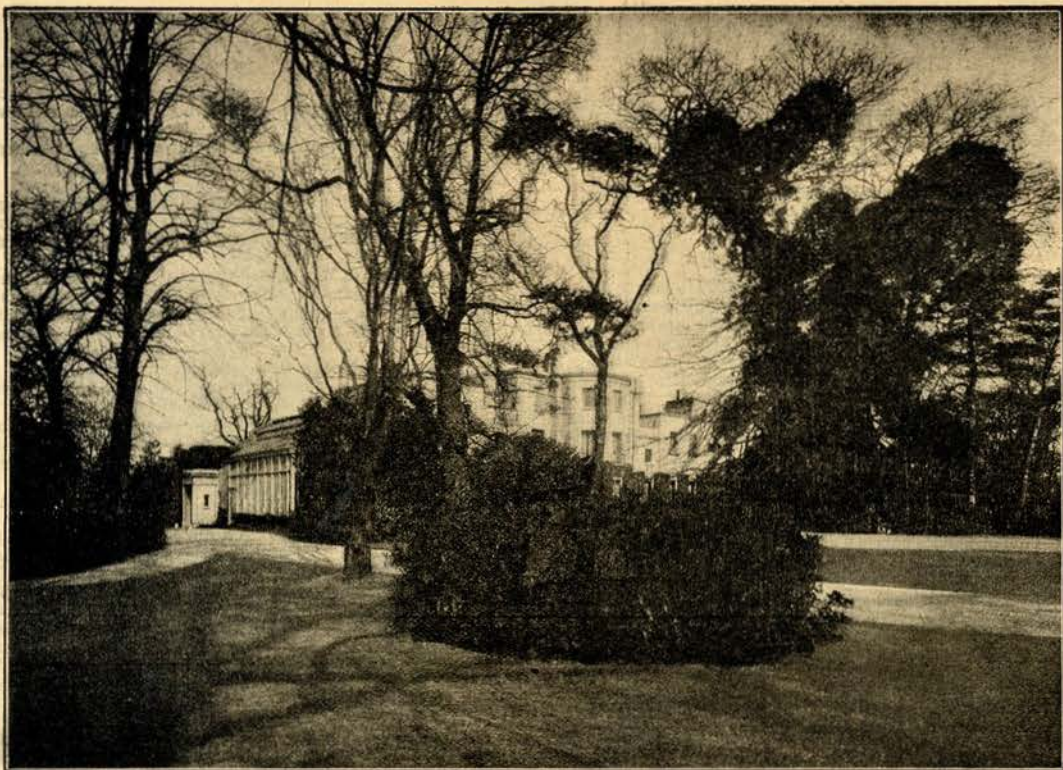
Theatros

COLYSEU DOS RECREIOS—Continua sendo o mais justificado successo theatral da actualidade a extraordinaria Companhia Caramba, a mais colossal e completa que tem vindo a Portugal. Hoje canta-se a sensacional peça *A Bella Risette*.

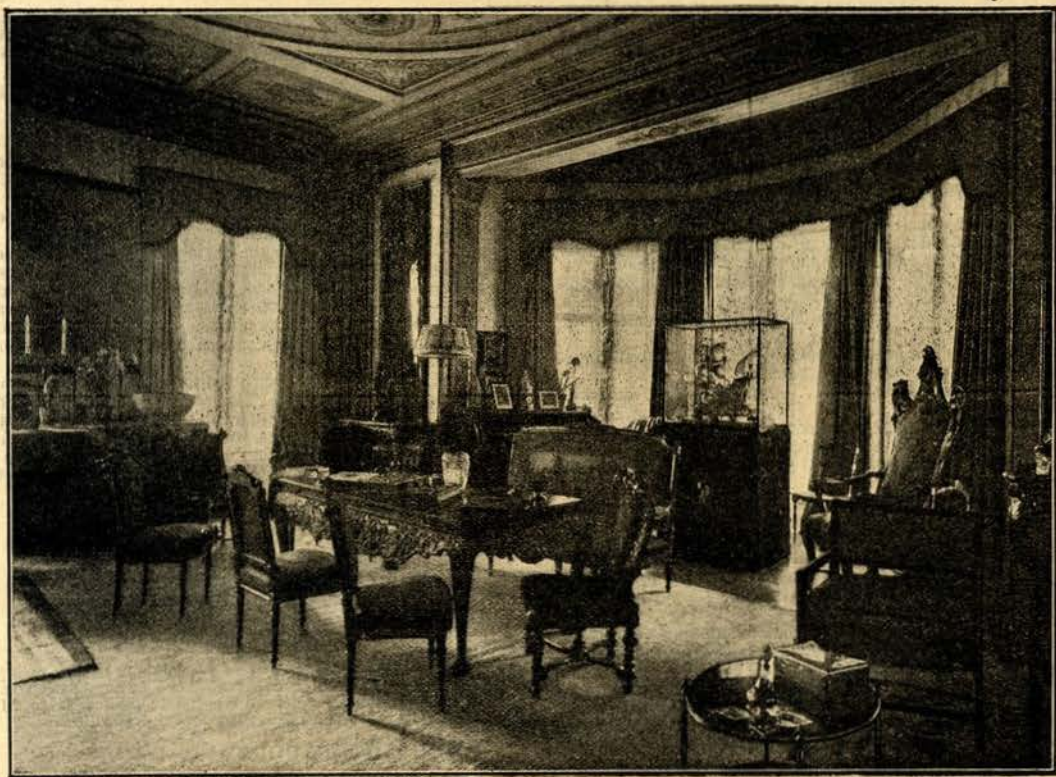
Animathographos

Os melhores e melhor frequentados:

Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso—**Olympia**—Rua dos Condes—**Salão da Trindade**—Rua da Trindade—**Central**—Praça dos Restauradores.



Palacio de Fulwell Park, actual residencia de Suas Magestades em Inglaterra. Fica na estrada que vae de Twickercham a Staines a 45 minutos de Londres. Fachada principal



Um aspecto da sala de recepção. Vê-se junto das janellas que deitam sobre a estufa a rica caravella que foi offercida a El-Rei pelos monarchicos de Lisboa por occasião do casamento do Senhor Dom Manuel. Em cima da mesa vê-se tambem «Os Lusíadas» offercido pelos emigrados da Galliza. Todos os moveis são de industria portugueza.